



Mudando de escola

Atuais métodos de ensino fazem da educação um mero conjunto de procedimentos instrumentais

Há uma transformação em curso nas escolas de São Paulo. Diferenças seculares entre orientações de ensino, propostas de formação e perspectivas de excelência ou vanguarda entraram em uma espécie de régua comum, primeiro jurídica, depois comercial, e enfim cultural. Contudo, a cultura como régua comum pode funcionar como o leito de Procuro. Esse famoso personagem grego, hospitaleiro e inclusivo, recebia todos em sua morada, mas tinha uma só cama, de tal forma que, os que fossem muito baixos, ele os esticava, e os que fossem muito altos, ele cortava seus membros. Assim o leito de Procuro estava sempre justo. É como se ouvia em algumas escolas antigamente: *aqui não temos problemas com drogas; quando achamos um, mandamos imediatamente para fora.*

Para Axel Honneth, a formação reúne as noções de cultura e educação, possuindo assim uma espécie de função terapêutica. Ela tem de conciliar dois outros sistemas de contradição, o primeiro formado pela dialética entre amor e amizade, o segundo formado pela dialética entre direito e ética. Seguindo o caminho da teoria crítica, Honneth entende que formação é experiência e experiência é contradição. Essa função terapêutica é dupla, pois envolve a reconstrução de uma experiência que nos antecedeu, na esperança amorosa de curar os impasses não resolvidos, mas também a aposta de que as próprias contradições que nos habitam sejam reconstituídas no futuro, e de outra maneira, pela transformação ética de suas condições jurídicas. Mas o que estamos acompanhando com a crescente demanda por qualidade em nossas

escolas, com a profissionalização de seus sistemas de controle e desempenho, com a redescoberta do "negócio escolar", é um autêntico choque anti-honnethiano. Sinteticamente. Há de um lado a proliferação de normas, formas jurídicas, métodos, apostilas, procedimentos que acirram as aspirações éticas de conteúdo, de reconhecimento de singularidade e os trajetos formativos particulares, de professores e alunos, família e culturas. Por outro lado, há uma tensão crescente entre as aspirações liberais por serviços de qualidade e o laço ético de transferência de confiança e autoridade necessário para a formação. Honneth nos ajuda a entender por que a formação é uma experiência de angústia, mas não de humilhação. Por que ela pode inverter-se de função terapêutica em vivência de trauma cumulativo.

Cinismo de resultados

Acirramento jurídico contra a escola, resposta corporativa e políticas públicas formais encontram seu denominador comum na cultura do aluno-consumidor. Educação pay-per-view, escolha você mesmo, pague você mesmo e não receba o serviço você mesmo (porque o sistema está fora do ar). Aqui vem aparecendo, mas não ainda de forma dominante, uma extensão no nosso sintoma social chamado cinismo de resultados. Cada qual responde: só estou fazendo minha função (como se Eichman não tivesse dito exatamente isso ao se defender no tribunal de Jerusalém). Professor ou aluno, diretor ou coordenador, dono de escola ou político, cada um está fazendo só a sua função. É por isso que está fazendo mal, pois sua função é sair de sua função. Sua

função, como partícipe de uma formação, é rearticular, reconstruir e reparar a divisão social das funções. Freud já afirmara que educar é uma profissão impossível. E é bom que permaneça assim, não vamos transformá-la em um conjunto de procedimentos perfeitamente possíveis, formais e instrumentais.

Exemplo: jantar de família depois de uma aula de matemática em uma escola que se apresenta como crítica, inclusiva e que é também "emergente" do ponto de vista do público consumidor. Discute-se o conceito de conjunto e a noção de infinito. Argumento que existem diferentes tipos de infinito, talvez de tamanhos distintos. Para minha surpresa, no dia seguinte encontro meu filho desolado: a história dos infinitos diferentes não é verdade, lorota para atrapalhar a aula e intimidar o professor, perguntas desse tipo não devem ser feitas. Sendo eu também professor, considero o que teria acontecido: erro de forma, exibicionismo intelectual, pressa para "fechar" toda a matéria. Reúno então outros tantos episódios análogos de como o saber pode ser inconveniente, perturbador e decorrer em experiências de humilhação. Principalmente quando ele deixa de ser um empreendimento de construção coletiva e passa a ser propriedade particular que aprofunda diferenças segundo a lógica de autoridades constituídas. Vem-me então o dito de um velho professor, destes que também são professores de vida: a inteligência tem limites, mas a ignorância é infinita.

christiandunker@revistacult.com.br